

Considerações finais

Caroline Kraus Luvizotto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LUVIZOTTO, CK. *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 93 p. ISBN 978-85-7983-008-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na relação entre dois universos, o nacional e o local (aqueles que se identificam como *gaúchos*), podem-se observar, pela trajetória histórica e cultural do Rio Grande do Sul, um distanciamento em relação ao nacional e um apego exacerbado ao local em que o gaúcho se está integrado. Para o grupo em questão, o “brasileiro” é o outro, o estranho, o distante que não faz parte daquele espaço e daquelas relações. Fala-se desse outro sem receios, é permitido fazer críticas, acusar e nominar: “O ‘brasileiro’ é lento, safado, preguiçoso”. Quando a referência se aproxima do universo local, essas características assumem outros sentidos, outras representações: “O povo gaúcho é trabalhador, esforçado, guerreiro. Eu moro aqui, eu sou daqui”, um discurso que exclui e inclui.

A ideia de pertencimento nacional se esvai em fragmentos soltos, não assumindo proporções significativas na relação com o povo brasileiro e com a ideia do Brasil-Nação. Já a identificação com o estado do Rio Grande do Sul, com o ser gaúcho, assume proporções consideráveis, encontradas em todas as gerações. Trata-se de representações herdadas historicamente e mantidas como um elemento demarcador na relação com o restante do País.

O “eu”, assim como o “nós”, tem sua identidade vinculada ao envolvimento com o ritual, criando uma diferenciação em relação ao “outro”. Pensando no caso eleito como modelo para este estudo, pode-se dizer que a união em torno do CTG permite que os gaúchos se reconheçam como um grupo diante do restante da sociedade, ou seja, aqueles que seriam “os outros”.

Estabelecido o debate em torno do separatismo, defronta-se, em geral, com posicionamentos polares. De um lado, a desqualificação de qualquer tipo de movimento separatista, assumindo o pressuposto de que se trata de bairrismo, de crime de lesa-pátria contra a realidade histórica definitiva da unidade territorial, cultural e linguística do Brasil. De outro, a defesa de particularidades geográficas, históricas, culturais e econômicas que poderiam ser mais bem administradas se o governo fosse autônomo e regional, sem subordinação ao governo federal considerado por eles desastroso.

No caso do Rio Grande do Sul, o que se constata através de anos de pesquisas é que, por trás do movimento separatista, estão, sobretudo, entrevistados problemas econômicos, políticos, sociais e étnicos, que destroem o sentimento de brasilidade daquela população, fazendo florescer o orgulho por uma terra que construiu sua história, muitas vezes, segundo seus porta-vozes, marginalizada pelo governo central. Para os separatistas, o único caminho para o Rio Grande do Sul superar essa crise é a autonomia política e administrativa.

O gaúcho é tão apegado a suas raízes e tradições, a sua história, a seu chão que construiu uma identidade étnica concentrada nesses elementos, conservando a ideia de origem comum. Um sentimento de Nação que rompe as barreiras do estado, onde o território é muito mais do que mera geografia: é uma herança.

O modelo que resulta da investigação de um grupo como o dos gaúchos separatistas pode funcionar como uma espécie de paradigma empírico. E aplicando-o como mo-

delo a outras configurações separatistas mais complexas, é possível compreender melhor as características estruturais que elas têm e entender como, em condições diferentes, funcionam e se desenvolvem.

Compreender os movimentos separatistas é uma tarefa complexa que, com certeza, apenas se começa a vislumbrar. De modo geral, os movimentos separatistas correntes denunciam a situação vigente no País e, anunciam, talvez, a necessidade de se reformular o pacto federativo, para evitar seu possível colapso.